



CHICO AMARAL

Email para esta coluna: cultura.em@uai.com.br

O tempo de Celso Adolfo

Encontro Celso na tarde da Savassi, eu vagabundando, ele fazendo não sei o quê. Um pedestre, o outro automovido. Aceito a carona oferecida para o quarteirão seguinte, pois um minuto de conversa com o Celso é melhor ainda que não fazer nada. Paramos ali no Afonso, e continuamos, por alguns instantes, a escutar *As Cidades*, de Chico Buarque, no som do carro. Celso comenta uma palavra usada pelo compositor – a palavra “réstia” – e eu comento a melodia debussyana de *A Ostra e o Vento*, do filme homônimo de Walter Lima Jr.

Não conheço (not yet) o disco de Chico direito e desse encontro com Celso aproveitei para reouvir *O Tempo*, último disco deste. Que me faz pensar que sua arte mantém o diálogo, ainda e sempre, com Chico Buarque. Mas sem ignorar que Celso “dirige-se com rédeas cristalinas de razão mineira”, desde os primeiros shows, nos bons ou turvos tempos da Fafich. Além de Chico, povoam sua arte vozes de poetas e escritores como Murilo Mendes, João Cabral, Drummond e Guimarães Rosa, entre muitos outros. Neste disco ouve-se ainda ecos de Rimbaud, Haroldo de Campos, Manoel de Barros, Leminsky e Caetano.

Quanto à música, Celso está mais transparente que nunca. O desenho das melodias é leve e rápido, ainda que sólido. A base de sua música é: violão-voz, como em Bob Dylan, ou no próprio Chico. Violão que ele afina em diversas maneiras, com sensibilidade violeira para modas e toadas. Mais uma vez, leitura moderna do *folk*, saturada de poesia, como em Dylan. Ou Guimarães Rosa. E como em Tavinho Moura, de quem difere aqui ou ali. Um, mestre da arquitetura musical, o outro, da arquitetura poética; mas ambos realizando a busca de uma linguagem universal, dentro da perspectiva mineira.

BETO NOVAES



Celso Adolfo é exemplo de um mineiro universal

O fim da MPB

Certa vez num debate, o jornalista (e também grande entendedor de música) Luís Nassif nos perguntou se a MPB não havia caído numa coisa estéril, sem dar conta do recado, hoje. Alguém mencionou o hip hop como realizador de uma crônica atualizada. Para começar, não há um artista que não se questione sobre a pertinência do seu trabalho. Esterilidade, anacronismo, inutilidade, redundância, são velhos fantasmas familiares aos artistas. Entre fazer e não fazer, já dizia João Cabral, mais vale o inútil do fazer,

e o questionamento aí vai muito além da obra sem qualidade.

A MPB está viva, antes de tudo, como legado – curiosamente isso não satisfaz ao próprio artista, que precisa ter sua última produção percebida; é impossível deitar na cama da fama. Frequenta as picapes dos DJs, é ouvida e pirateada pela juventude, em nome de quem, talvez, o anúncio de seu fim venha à tona. Está presente também na cabeça dos jovens artistas. Gente como Maria

Rita, Los Hermanos, Max de Castro, Sérgio Santos, Vander Lee, Celso Fonseca, Renato Motha, Flávio Henrique, Leo Minax, Ana Carolina, Marina Machado, está fazendo, cada qual a seu modo, MPB.

Talvez o conceito clássico de MPB, surgido nos anos 60, como apontou Carlos Sandroni no ensaio *Adeus à MPB*, do livro *Decantando a República*, tenha perdido a significação tradicional, depois de todas estas décadas de influência pop, a começar da Jovem Guarda. Pode-se pensar, por exemplo, em Rita Lee ou Chico Science tanto como música pop brasileira quanto como MPB. É esclarecedor que a canção *Paratodos*, de Chico Buarque, prefira homenagear os artistas, ao invés dos gêneros. E ele está falando precisamente de músicos populares brasileiros. Isto é um modo se sentir mais definidor do que toda esta conceituação.

Talvez o conceito clássico de MPB, surgido nos anos 60, tenha perdido a significação tradicional